

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA: Preparando um torpedo

(Cliché de Benollel)

II série — N.º 529

Lisboa, 10 de Abril de 1916

Assinatura para Portugal, *Trimestre 1\$20* ctv.,
 colónias portuguesas, *Semestre 2\$40* ..
 e Hespanha: *Ano 4\$80* ..
 Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
 Editor: JOSÉ JOBERT CHAVES

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Sedera Suissa

directamente da Suissa, franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo amostras das nossas sedas novidades garantidas solidas para vestidos e blusas: Tafeta, Crêpe, Chameuse, Gabardine, Eolienne, Falia, Cotelé, Vee, etc., Cambráia suissa 120 cm de largo desde fr. 1.50 o metro.

Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr.

Esta collecção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Lucerna, E 1 (Suissa).
Casa Suissa — Mercadorias Suissas.

TELEPH. N.º 2638

PERFUMARIA ROSA D'OURO

COLOSAL SORTIMENTO

Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES LISBOA

Aizella

OMELHOR SABONETE

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Rio de Janeiro

A Empresa d'O SECULO faz publico que transferiu a sua agencia no Rio de Janeiro, para a conceituada firma **José Martins & Irmão, Rua da Assemblêa, 62**, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos de fornecimento avulso ou para revenda, de exemplares do

Seculo
Ilustração Portuguesa
Suplemento de Modas & Bordados e Seculo Comico

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$000
Reis	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contínua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—*Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Para encadernar á

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

A' venda artisticas e elegantes capas em percalina para cada semestre ao

Preço 360 réis

Remetem-se pelo correio a quem enviar a importancia em ordens postaes ou vale do correio

Procede-se tambem ao trabalho de encadernação devendo para isso ser enviada alem da coleção e do custo da capa, 240 réis para o empaste e 100 réis para o transporte depois de pronta.

Administração do SECULO
Rua do Seculo, 43—LISBOA

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

Trabalhos tipograficos em todos os generos

FAZEM-SE NAS

Ofic. da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"

Rua do Seculo, 43 Lisboa

Henri Manuel

PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, Rue du Faubourg Montmartre

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes coleções de retratos de altas personalidades.

Mulheres portuguesas

As lições de heroísmo e de abnegação que tem dado ao mundo a mulher franceza, começam a frutificar entre nós. Na previsão de vir a converter-se em factos militares o estado de guerra até agora limitado, para Portugal, a factos diplomáticos, as mulheres portuguesas principiam a organizar-se. Umas, mais práticas, preparam a criação d'uma grande obra de assistência; outras, mais carinhosas, matriculam-se em cursos de enfermagem; outras ainda, mais exaltadas, lançam



a iniciativa da instituição d'uma «Escola Feminina de Tiro». De todas estas senhoras tem falado os jornaes. Mas ha ainda outras — e são estas a grande maioria — que não assistem ás lições do meu collega Melo Breyner; que não fazem tenção de pegar em armas; que não deram até hoje que falar de si, — mas que ao grito supremo de «pátria em perigo» hão de levantar-se como uma só alma, como

uma só vontade, como um só coração, e envolver no seu manto heroico de ternura e de amor todos aqueles que souberem bater-se, sofrer e morrer pelo seu paiz.

Joana d'Arc

Comemorou-se ante-ontem o martirio de Joana d'Arc. Se a alma é imortal, a heroína humilde de Orleans deve ter sentido palpitar agora, como nunca, junto á sua refulgente armadura de espectro, o coração glorioso da França inteira. Por que Joana d'Arc bateu os ingleses? Não. Por que Joana d'Arc salvou a França. A «Pucelle», que mereceu um sorriso de desdem a Voltaire e uma lágrima de comoção ao grande Anatole, constitue, com Bayard e com Du Guesclín, a triplice expressão do heroísmo gaulez primitivo, — místico e batalhante. A sua hora, — é, de novo, a hora que passa. Francezes! No dia da vitória, que o primeiro oiro da Alemanha vencida

reconstitua o pórtico sagrado de Reims, — para que Joana d'Arc lá entre pela segunda vez!



A menina dos cinco olhos

O ministro da instrução do governo transato publicou uma portaria chamando a atenção para as disposições legais que proíbem o uso da palmatória nos colégios. A publicação d'esse documento na folha oficial foi determinada, segundo todas as probabilidades, por queixas apresentadas no ministério da instrução contra professores que, a despeito dos mais fundamentaes principios pedagogicos, applicam ainda hoje castigos corporaes ás crianças. Já estive para oferecer

um número do «Diário do Governo» a certa professora muito galante que eu conheço, e que, com uma crueldade de resto vulgar nas mulheres bonitas, passa os dias a bater palmatoadas e a gritar atroadoramente aos

pobres pequenitos do seu colégio. Mas, minha senhora, é então preciso que eu venha ensinar-lhe a pedagogia que toda a gente sabe? E' preciso ainda que eu venha dizer-lhe, n'esta altura da sua e da minha vida, que não é pelo terror que se ensinam crianças? Não serão capazes de um pouco mais de ternura maternal os seus lindos olhos pretos?



Literatura

Os factos literários da semana fôram a aparição do novo livro de Antero de Figueiredo, «Leonor Teles», admiravel pintura da sociedade portugueza do fim do século XIV; a vinda de Olavo Bilac a Lisboa, e a grande procura das obras de poetas brasileiros pelas livrarias da capital, sem duvida sugerida pela visita do grande poeta ao nosso paiz. Este último facto reveste uma importância que merece ser devidamente acentuada. O movimento de interesse que se e-tá esboçando pelo moderno Brazil mental, vae revelar ao leitor portuguez uma das mais belas e mais abundantes antologias latinas, onde, a par de um parnasianismo perfeito, rico de orquestrações novas, trasbordante de eloquência lírica, nos aparece, na sua mais nobre expressão, o culto quasi supersticioso da língua-mãe.

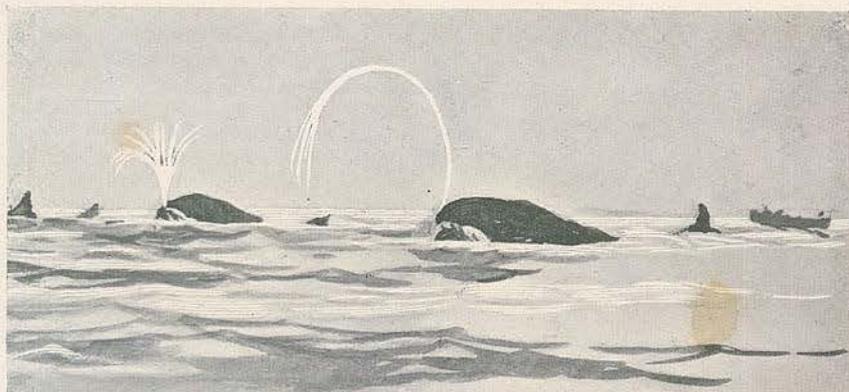
JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo)



Uma caçada que termina em pesca

Uma pesca que termina em drama



uma demorada observação, voltámos a pensar na caça, quando passamos a uma milha, se tanto, como sobre um *écran*, sete baleeiras brancas, umas atrás das outras, puxadas com incrível rapidez por braços vigorosos, na direção da Ponta da Caveira.

AS pombas d'aquela parte da costa preferiam para se aninharem as rochas de Fajã. Além dos buracos fundos onde se metiam e das rebabas onde se empoleiravam horas esquecidas, ali ninguém as caçava de terra; só por mar se lhes podia chegar e, ainda assim, facilmente descobriam o inimigo que se aproximasse, mesmo de mansinho.

Partimos para ali n'uma baleeira. Eram tres e meia da madrugada quando largámos do porto, calculando chegar ao romper da manhã. A noite estava estrelada e o mar parecia de leite ao salvar da penedia, onde ele espuma e esbraveja sempre, enfiando-se-lhe pelas gargantas estreitíssimas. Iamos os quatro caçadores, um marítimo ao leme e dois a remar, todos rapazes, um d'eles, o Manuel, filho de João Joaquim, o mais afamado arpoador de baleias no arquipélago.

Fizemos os primeiros tiros ás aves quando elas entravam de esvoaçar de um poiso para outro, como quem se espreguiça e experimenta os movimentos ao sair do leito. Depois fez-se um aborrecido compasso de espera; toda a rocha se despovoou, e as pombas, que voltavam cautelosas a fazer reconhecimentos, traziam o vôo tão alto que nem o chumbo embalado as alcançava. N'isto, sentimos o businar agudo da vigia. E o sinal repetia-se com uma insistência estrugidora, como se se tratasse da passagem migratoria de todos os cetáceos do polo sul para o polo norte. Alcandorámos-nos n'uns penedos a vêr se descobriamos alguma coisa. Nada. Da reintrancia onde estavam pouco horisonte se abrangia. Finda

— Baleia! Baleia! — gritou o Manuel — vamos vêr a pesca!

E o rapaz dispoz-se logo a deitar a mão á amarra da nossa baleeira. Como ele, estavam impacientes os outros dois homens por se lançarem na esteira dos pescadores, enquanto nós quatro nos consultavamos. Pelo meu lado, confesso, não tinha grandes desejos de ir. Já vira umas poucas de bem perto, a retoçar nas proximidades do Mar de Sargaço, e não me ficára vontade de as tornar a vêr.

— Vamos, vamos! — resolvemos, afinal, todos nós.

A baleeira esfuziu por esse mar fóra. Puzeram-se-lhe os dois remos de sobreceleste. Os caçadores alternar-se-hiam n'esse serviço suplementar. Mas, por mais que remassemos, os outros barcos mantinham uma larga dianteira. Não tardámos, porém, a divisar as baleias. Tinham-se aproximado extraordinariamente da costa. Naturalmente vinham na bagagem de algum nateiro de crustaceos, arrastado por uma d'essas ramificações caprichosas do *Gulf-stream*, que justamente n'esse ano o príncipe de Monaco andava mais uma vez a estudar no seu *yacht*, lançando *cisnes* por todas aquelas aguas.

Era um cardume muito razoavel e de especies variadas. Resfolegavam em enormes jactos de agua: estes com a fôrma típica do repuxo, aqueles de um leque e outros assemelhando-se com estranha geometria á curva graciosa de um arco aviado. A umas quinhentas braças suspendemos os remos e quasi todos nós arfávamos como a canôa sobre as ondas. Não era para menos o espetáculo estupendo que tínhamos diante dos olhos. Mo-

les enormes, fantasticas como visões apocalípticas, ora emergiam com roncões atroadores, ora se afundavam com estrondo, produzindo fortes salseiradas. A's vezes, quando a ondulação era mais viva, chegava eu a supôr que seria talvez o veio denunciador de algum daqueles monstros que se transviasse do cardume, pererrando nas profundezas por debaixo da nossa baleeira. E assim estivemos alguns minutos, contidos no mesmo ponto. Continhamos o assombro mais do que o respeito pelo regulamento marítimo, que não permite qualquer embarcação aproximar-se do teatro daquela empolgante luta.

Entretanto as canoas aproximavam-se mansamente do cardume para não o espantar. Distinguíamos tão bem o que se passava que vimos nalgumas delas a substituição dos remos nos toletes por umas pequenas pás que permitem a aproximação com menos ruído. Mas os animais sentiram-nas antes que nenhum deles estivesse ao alcance do arpão. Fizeram-se ao largo no meio de um reboição titanico, seguido de uma marcha vertiginosa. Os barcos foram sobre eles a toda a força dos remos. Tratámos então outra vez de avançar seguindo atentamente esta nova fase da pesca; mas, absortos na perseguição do cardume, só depois reparámos que atrás dele vogavam apenas seis baleeiras. Faltava uma.

Continuámos a remar, prescrutando do lado da terra, e descobrimos com surpresa que a outra baleeira deslisava com a suavidade de um cisne para uma massa negra, oblonga, inerte, mal aflorando á superficie da agua. Manuel Joaquim que, mais do que nenhum de nós, seguia com olhos vivos e certos todos os movimentos das baleias e dos barcos,

mesmo que ele estivesse ao dobro da distancia. Porquê, não sei; mas conheço-o. E' ele!... Olhem! Lá vai o seu barco quasi a encostar á baleia que parece estar a dormir... Espera!... Lá arremessou ele o arpão!...

Todos nós nos erguemos, tomados de enorme alvoroço, para seguir aquele lance a que a voz comovida do rapaz imprimia indizível interesse. Mas, como se nos tivessem atirado brutalmente para as garras alucinantes de um pesadelo, em vez do cetaceo inerte ao lume do mar chão e do barco quasi encostado a ele, erguia-se-nos na frente um formidável escarceu e na crista deste revoluteou, os instantes angustiosos de uma descarga electrica fulminante, a baleeira de João Joaquim; e os homens, despegando-se daquela meia duzia de taboas esfrangalhadas, desapareceram no cachão, sabe Deus se para sempre!

— Meu pae! Meu pae! — gritou o pobre Manuel, como se a vida se lhe evolasse nesse grito, que, ao cabo de tantos anos, ainda me resoa com viva dôr aos ouvidos.

E, sem dizer mais palavra, tirou os sapatos, arrancou as calças e a blusa de ganga e atirou-se pela borda fóra, sendo todos os nossos esforços impotentes para o deter. Era um grande nadador, vigo oso e agil como poucos. A ancía de acudir ao pae fazia-o voar sobre as ondas. Apesar de vergarmos os remos quasi a parti-los, tomou-nos uma grande dianteira, deixando-nos verdadeiramente inquietos, até que vimos uma baleeira singrar veloz para o local onde se dera o pavoroso drama.

Quando lá chegámos, o mar já tinha esten-



ergueu-se sem largar o punho do remo e, depois de um golpe de vista rapido, exclamou:

— E' a baleeira de meu pae!

— Como sabes tu isso? — perguntamos nós que, á distancia a que estavam, mal divisavamos á proa o vulto indeciso do trancador.

— E' meu pae, é meu pae! Conhecia-o

dido sobre ele serenamente o seu largo lençol mortuario. Essa baleeira conseguira apenas recolher quatro dos desgraçados, um deles com uma perna partida. Foi tal o golpe que o cetaceo deu com a cauda, ao voltar do seu letargo, ferido pelo arpão, que o barco, saltando ao ar, se fez logo em pedaços. Mas ne-

nhum desses infelizes era o mestre João Joaquim, nem dava acordo do que precisamente acontecera aos seus outros companheiros. Talvez o famoso trancador, velho e pesado, se afundasse logo por saber nadar pouco.

E o pobre Manuel, esse belo rapaz, tão loucamente estremoso por seu pae?! Sabendo nadar tão bem, como se explica que ele des-

se engalfinha com feroz cegueira no proprio salvador, arrastando-o consigo para o abismo, apesar de toda a sua força, destreza e sangue frio.

Efêtivamente, depois de sondagens e outras pesquisas, ao amanhecer do dia seguinte fôram encontrar os dois cadaveres depostos na areia, sem a menor beliscadura, talvez por alguma



aparecesse? Teria chegado ainda a tempo de vêr o lancinante desfecho do drama, a que o seu inegualavel amor de filho o arrastára, tambem como vitima, tão estoicamente?

Sim; Manuel Joaquim ainda chegou a alcançar seu velho pae, mas de certo no momento em que o naufrago, que se afunda já desvairado de lutar com a morte, se enleia,

onda enternecida de tanto amor e de tanto infortunio. Pae e filho conservavam-se abraçados como haviam morrido.

Ainda bem que o pobre Manuel teve ao menos esta compensação suprema: morrer abraçado a seu pae!

FLOREANO.

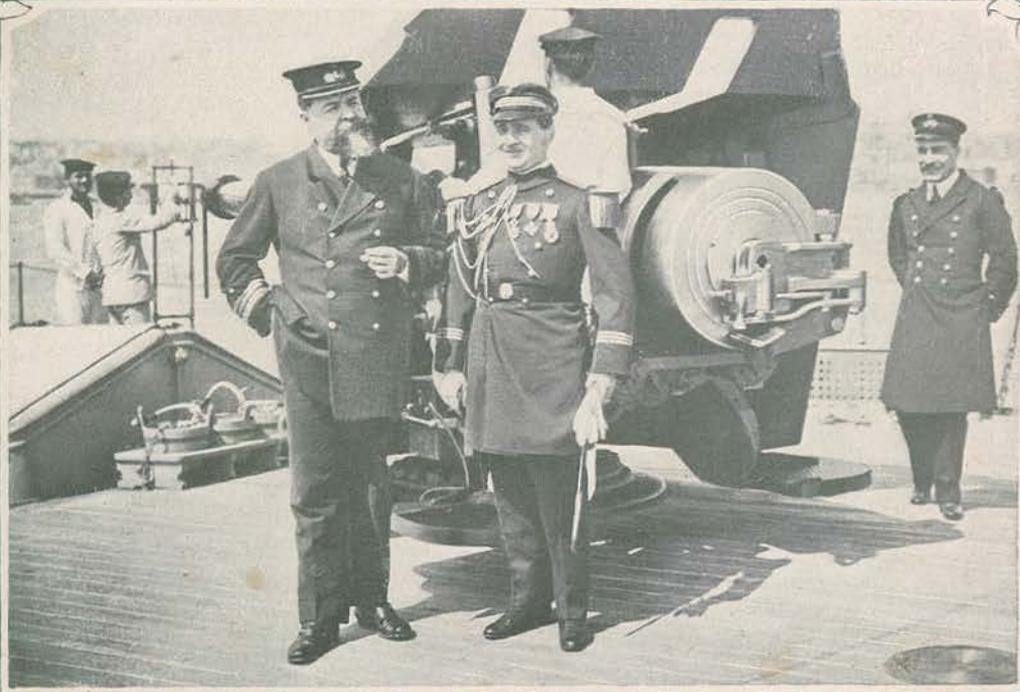
PORTUGAL NA GUERRA



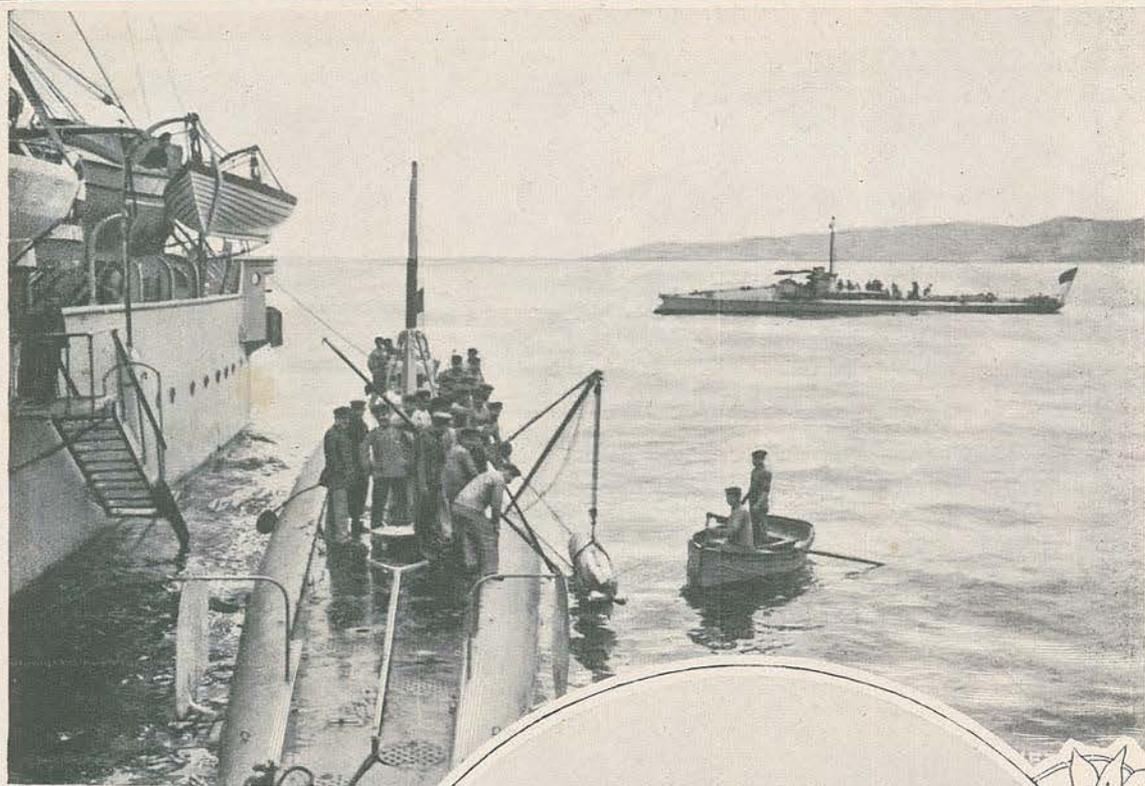
No Paço de Belem:—A sr.^a D. Alzira Dantas Machado, esposa do sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, com as senhoras que formam a comissão da *Cruzada das Mulheres Portuguezas*.

E' admiravel a serenidade com que todo o nosso paiz continua a encarar a sua entrada na guerra. Aos preparativos militares corresponde uma atividade em todos os traba-

lhos, que interessam a economia do paiz, que bem demonstra a noção do que nos impõe a gravidade da presente conjuntura. Temos de combater, mas tambem temos de trabalhar.



A bordo do «Vasco da Gama»:—A visita do adido naval francez ao comandante da divisão naval capitão de fragata, sr. Leote do Rego



O *Espadarte*, pescando um torpedo

Para se defender bem a patria não bastam exercitos aguerridos e votados de coração a essa santa causa; são necessarios recursos com que se alimentem, com que se vistam, com que se armem.

Se até aqui trabalhavamos para arcar com a crise que a guerra fez refletir pavorosamente sobre a nossa vida, como sobre a de todos os outros povos, hoje temos de redobrar de esforços, porque a esse pêso, já nada pequeno, acresce o da responsabilidade economica e financeira que agora nos impende perante a mobilização. Havemos de honrar-nos e honrar os nossos aliados nos campos da batalha, mas temos de nos honrar primeiro, unindo-nos como uma grande familia no trabalho, na economia e até no sacrificio para que as faltas do que é material não comprometam o exito da parte que nos é distribuida na grande luta, em que corre o maior ris-



O *Espadarte* navegando emerso

co a existencia dos povos pequenos. Tudo nos indica que estamos cada vez mais comprometados d'esta profunda verdade e das necessidades d'essa união, unico meio dos pequenos se tornarem grande e fazerem valer os seus direi-

tos. Os que nos olhavam com reservas são hoje os primeiros a votar-nos a sua franca admiração.

Portugal não se prepara só para a guerra: trabalha também para se poder sustentar n'ela dignamente, e trabalha com denodo e com confiança. E' meio caminho andado para a vitória.



1. Um oficial de artilharia tomando posição.—2. Uma peça em fogo



Transporte de metralhadoras



Estudo de trincheiras pela engenharia

Uma ponte de madeira levantada pela engenharia



Detalhe de uma trincheira

(Clichés Benoitel).

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Desesperada de tantas derrotas em todas as linhas de combate, falhadas todas as tentativas desesperadas que fez para levantar, embora por um triunfo efemero, o espirito deprimido das suas tropas, a Alemanha volta com furor a torpedear todos os navios mercantes desprovidos do menor recurso de defeza e sem ao menos lhes fazer o aviso prévio, que não é só do mais estrito direito internacional, mas ainda dos mais rudimentares principios de humanidade.

A pretexto de um bloqueio completo á Inglaterra, o que nunca conseguirá, porque a «Rainha dos Mares» não teme ameaças e tem elementos excepcionaes de resistencia para continuar a sustentar as suas relações commerciaes com todo o mundo, os submarinos voltam a atacar traiçoeira e infameamente todos os navios que demandam ou deixam as aguas inglesas, seja qual for a sua nacionalidade. Além d'isso estão semeando minas por todos os pontos onde seja previsivel a passagem de barcos.

A crueldade germanica recrudescceu, requintou com os seus successivos e enormes desastres em terra. A cada recuo que eles teem de operar ante os ataques dos ingleses e dos francezes, na linha ocidental, a cada revolta que se ergue contra o seu dominio na

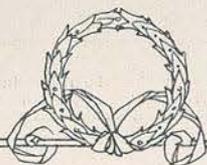
Belgica, a cada investida sua repelida em Salonica, expandem a sua raiva, atacando com os golpes traiçoeiros dos seus aviões e submarinos as povoações indefezas e os navios inermes, carregados de passageiros.

Essa gente não combate já nem guerreia; assassina e destroe, só pelo instinto perverso de destruir. Perdeu inteiramente a noção do brio militar. As suas façanhas mais gloriosas são atirar do alto, pela calada da noite, bombas explosivas sobre as povoações que dormem, meter no fundo barcos desprevenidos e cheios de gente que nada teem com a guerra e lançar de longe granadas incendia-

rias sobre as cidades que eles não se atrevem a tomar. Os troeus das suas victorias não são as peças de grande cali-



General Roques, o novo ministro da guerra francez, successor do general Gallene que está doente



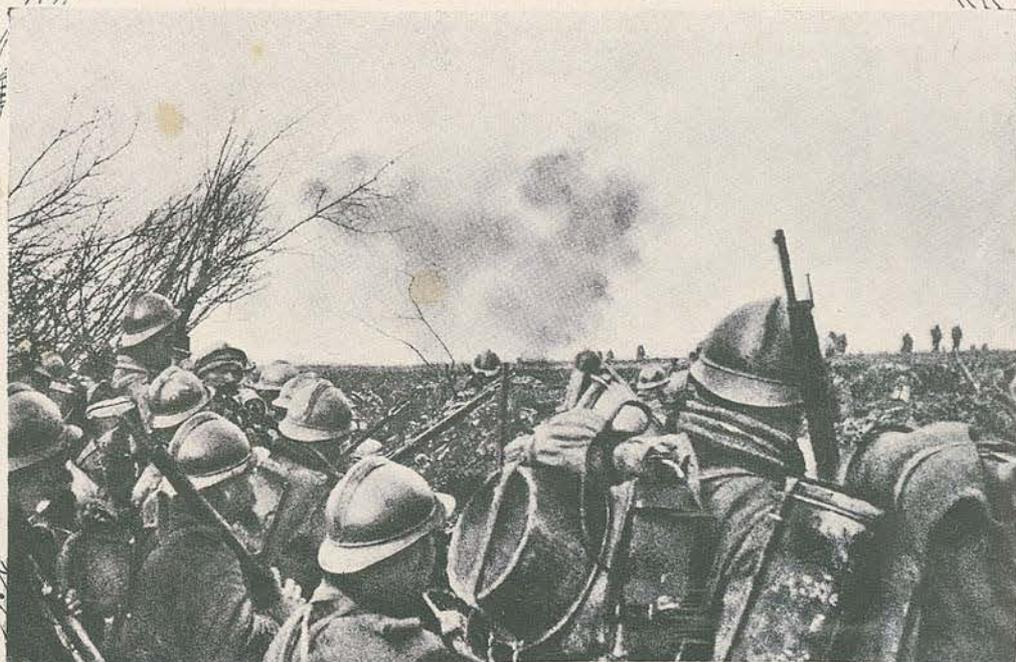


bre, as bandeiras sob que o adversario se bate; as suas vitimas não são tão pouco os valentes que se metem como uma muralha de ferro entre as suas hordas e o que a patria tem para eles de mais sagrado; são os destroços de habitações pacificas dinamitadas, toda a qualidade de objetos que puderam roubar, as mulheres, velhos e creanças, trucidados aos montes!

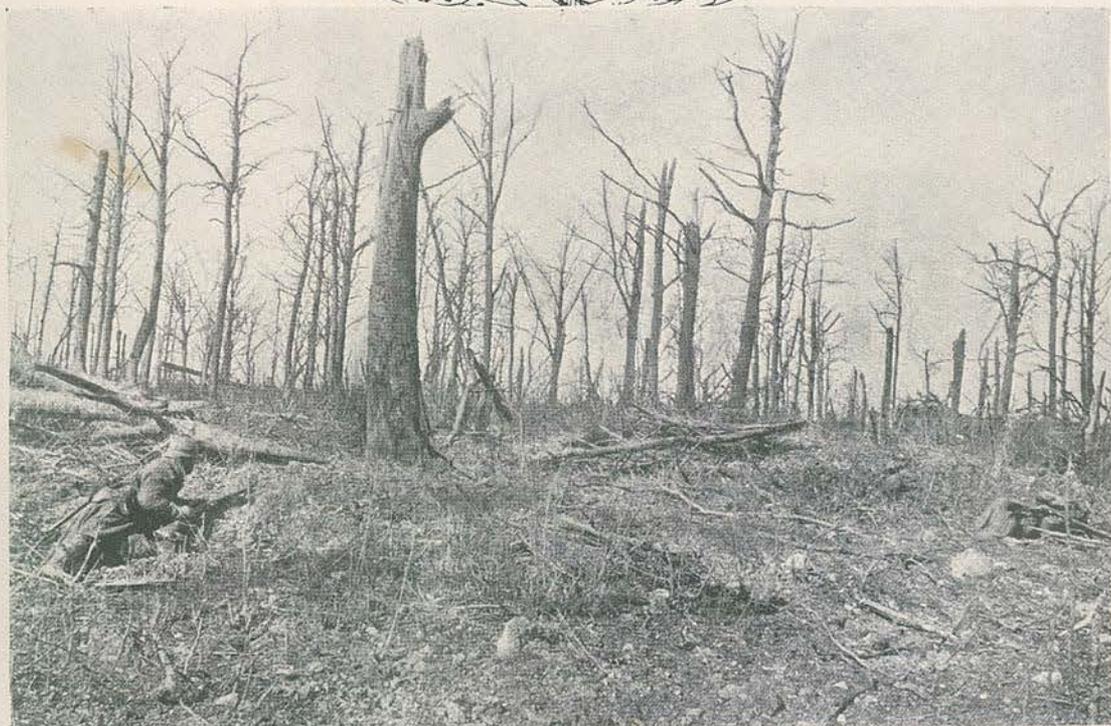
Podem acaso tantos e tão hediondos crimes ficar impunes?



1. O príncipe regente da Sérvia na gare de Lyon, caminhando á direita de mr. Poincaré, faz a continencia á bandeira da França.—2. Na região de Verdun.—Mr. Charles Humbert, membro da comissão senatorial do exercito, visita um enorme deposito de projeteis.—(Cliches ua secção fotografica do exercito francez).



A Infantaria franceza, depois de um feliz contra-ataque em Louvemont, persegue o inimigo



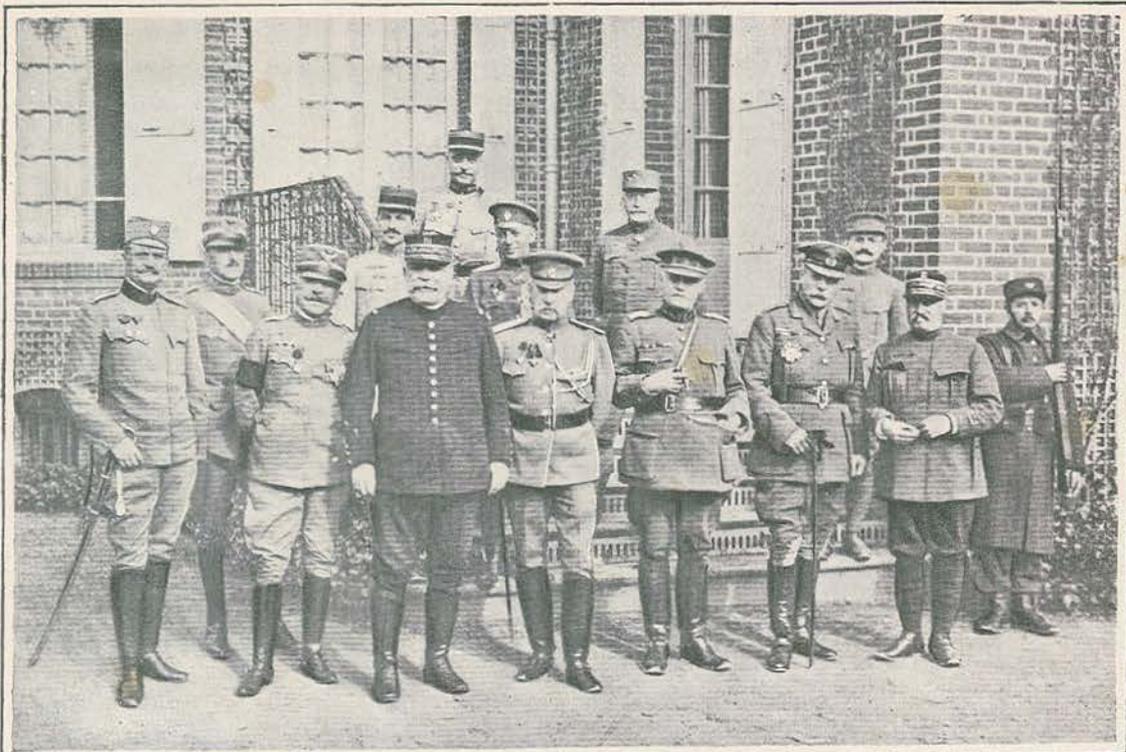
Depois de um valente combate n'um bosque da região de Vaux, alguns soldados ficam em observação
(Clichés da secção fotografica do exercito francez).

A BATALHA DE VERDUN



O exercito do Kaiser voltando á patria...

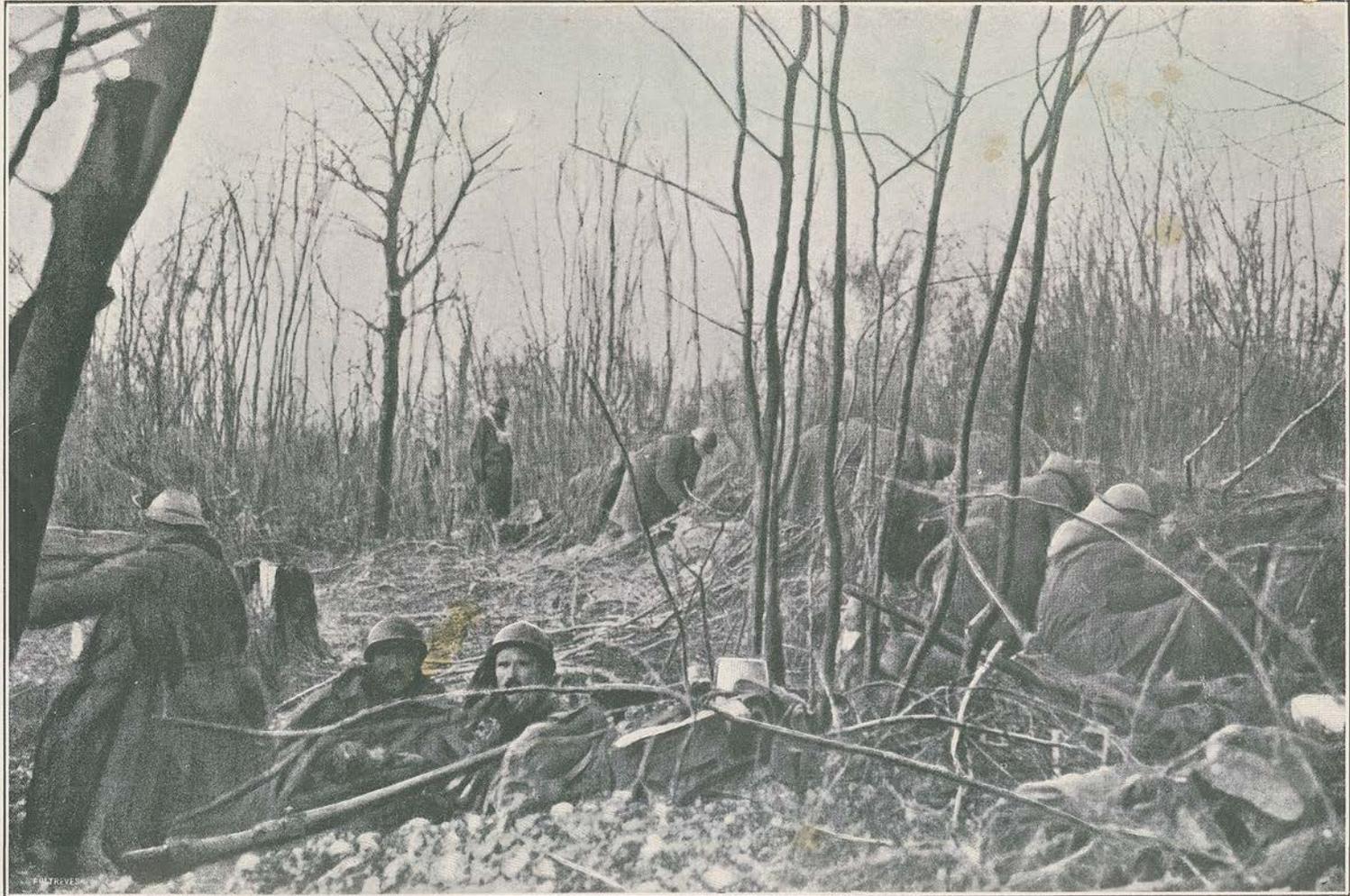
(Desenho de G. Buffer, da *Illustrazione Italiana*).



ENTRE OS ALIADOS.—A segunda reunião do conselho de guerra dos aliados no grande quartel general francez em março passado revestiu a alta importancia da primeira pe a forma elevada por que decorreu e pelas resoluções de grande alcance que tomou. N'esta fotografia vêem-se no primeiro plano da direita para a esquerda: General Castelnau; Sir Douglas Haig (Inglaterra); General Wilemans (Belgie); General Gilinsky (Russia); General Joffre; General Porro (Italia); Coronel Pechitch (Servia).



Soldados repousando em uma casa de lavradores no Mosa
(Clichés da secção fotografica do exercito francez).



A batalha de Verdun.—Uma companhia de zuavos no famoso bosque de Caures



O general Laurytey voltando a ver pela primeira vez a sua casa em Grévic, incendiada pelos alemães em 1914.



Os que viram a hecatombe:—Alguns soldados de infantaria flamã, de todas as idades, dos que pertenciam á reserva e lançados contra Verdun.



ENCONTRO DE PATRULHAS

(Desenho de Georges Scott).

Aos nossos leitores

Como a todos os jornaes diarios e ás publicações suas congeneres que se publicam no estrangeiro, chegou a *Ilustração Portuguesa* a vez de, apesar de todos os seus esforços, não poder vencer todas as dificuldades que ha muito lhe véem surgindo com a crise do papel e do zinco para a fotogravura, sem falar já nos produtos quimicos indispensaveis para este trabalho. Todas as publicações teem diminuido o numero de paginas e não poucas teem aumentado simultaneamente o seu preço.

A *Ilustração Portuguesa* faz ainda um ultimo sacrificio para evitar novos encargos aos seus leitores, apertados cada vez mais como todos nós por esta complicada rêde de graves dificuldades economicas em que nos envolveu a guerra.

A *Ilustração* mantem o seu preço, mas o que não pôde, sob risco de terminar a sua publicação, é deixar de dar durante o tempo preciso umas paginas menos, co no começa a fazer hoje. Não é só por causa dos preços do papel e do zinco, que aliás são hoje assombrosos, é tambem pela medonha escassez de uma e outra coisa.

O papel «couché» que antes da guerra nos custava 150\$ escudos a tonelada, custa-nos hoje 428\$ escudos, e o zinco, que se pagava a 255\$

escudos a tonelada, paga-se hoje a 1.100\$ escudos! Isto é, o primeiro custa cerca de **3 vezes mais caro** e o segundo **mais de 4 vezes!** E não sabemos aonde isto irá parar, porque a escassez já enorme é agora agravada pelo facto da Inglaterra proibir a exportação do papel «couché» e a França a do zinco! A não ser da America, — e quem sabe por que preço e em que quantidades! — de qualquer outro paiz é impossivel obter estes artigos.

Explicadas aos nossos leitores as circunstancias difficilimas em que a crise do papel e do zinco nos coloca para termos e alterar transitoriamente o nosso numero de paginas, fazemos votos para que este terrivel estado de coisas termine quanto antes. Terninado ele, a *Ilustração Portuguesa* voltará logo não só a ter o mesmo numero de paginas, mas apresentará ainda melhoramentos apreciaveis que interessam o publico d'estas insuficiencias involuntarias e lhe pròvem quão sinceramente desejamos corresponder ao carinhoso acolhimento que nos tem sempre dispensado e continua a dispensar.



O presidente do ministerio, sr. dr. Antonio José d'Almeida, tendo á sua esquerda o ministro da marinha, sr. Vitor Hugo de Azevedo Couinho e á direita o capitão de fraga a sr. Leote do Rego, comandante da divisão naval, visitando a flotilha naval na doca de Belem

Na doca de Belem.— O sr. presidente do ministerio, acompanhado do sr. ministro da marinha, visitou a flotilha de gazolinhas fundeada na doca de Belem. Foram os ilustres visitantes recebidos pelos srs. major general da armada, comandante da divisão naval, officiaes em serviço na flotilha, presidentes do Club Naval e Associação Naval e outras en-



O aspecto da flotilha naval na doca de Belem—(Clíchés Benollel)



LENDA

*Dizem que Deus, depois de ter criado
A obra mais gentil que ele tem feito,
Essa joia, — a mulher, — cheio de enfado,
Achou que o seu trabalho era imperfeito:*

*Depois de ter bastante meditado,
Sorriu-se o Criador, de satisfeito...
— Mais um dote sublime tinha dado
A'quela a quem o mundo está sujeito:*

*Encheu-se a luz do sol de mais calor;
E a terra, n'um espasmo de alegria,
P'la vez primeira conheceu amor...*

*Então Satan, n'um gesto de azedume:
— Oh bela, por quem soffro esta agonia! —
Mal viu nascer o Amor — fez o Ciume!...*

Nossa senhora de amor...

*No pedestal de luz onde eu te ponho
P'la mão da minha larga fantasia,
Esplendes do que é belo e do que eu sonho
De mais encanto, de maior poesia...*

*Porém, — oh minha amante! — se algum dia,
N'um desengano, o meu olhar tristonho
Te vir do pedestal descer, vasia
De tantas perfeições que em ti suponho,*

*Hei de iludir o desabar tremendo
D'essas formosas ilusões, relendo
Os canticos de amor, que eu te compuz...*

*Pois n'esses versos viverás ainda
Tal como eu te sonhei: — bondosa e linda,
Santa de amor, sobre um altar de luz!...*

Artur de Aguiar

HOMENAGEM A OLAVO BILAC

Constituiu uma verdadeira festa de confraternização entre portugueses e brasileiros o banquete em homenagem ao grande poeta brasileiro Olavo Bilac, uma glória não só do seu país, mas da raça latina, que ha dias visitou Lisboa.

Organizado pela redação do «Atlantida» concorreu a ele tudo o que Lisboa possui de mais seleta nas Artes e nas Letras, fazendo-se brindes que muito devem influir para a aproximação das duas Republicas irmãs em todas as suas manifestações de trabalho e de intelectuali-



O distinto poeta Olavo Bilac

dade. Mas, notavel a todos os respeito, foi o discurso proferido por O.avo Bilac, no qual teve para os portugueses gentilezas que jamais esquecerão a quem as ouviu e que constitue uma obra admiravel.

Ao banquete, que se realisou no Hotel Central, presidiu o illustre poeta e dramaturgo sr. Henrique Lopes de Mendonça.

O.avo Bilac, antes de retirar para a sua patria foi descançar para o Es-

toril, onde esperou a chegada do vapor alguns dias.



Um aspecto do banquete em honra do sr. Olavo Bilac no Hotel Central

(Cliché Benollet).

Memorias da Lili. — Simplesmente encantador o livro da illustre escritora sr.^a D. Emilia de Sousa



Costa, intitulado *Memorias da Lili*. A sr.^a D. Emilia de Sousa Costa

alma infantil como um perfume. Desde os sete aos dezeseis anos, essa idade delicada, a mais propria para formar os sentimentos nos principios da bondade e da boa educação, percorrem-se com mão firme e carinhosa todas as paginas da vida, colhendo se tudo o que possa servir de lição. Não ha, realmente, processo mais intuitivo e eficaz de ensino.

A sr.^a D. Emilia ha muito que se nos revela uma escritora de talento, quer pelo cons-



Fac-simile das gravuras do livro *Memorias da Lili*

Não o devem lêr só as creanças; devem-no lêr tambem as mães e as professoras. Ha n'ele que aprender para todas as inteligencias e que sentir para todos os corações. E' uma formosa série de ensinamentos, tão clara e atraentemente postos que se inoculam na

ciencioso estudo com que trata os assuntos quer pela riqueza e louçania do estilo; e agora revela-se-nos uma verdadeira educadora, o que nos tempos que vão correndo é uma das qualidades mais apreciaveis n'uma senhora.



Outro fac-simile das gravuras do livro *Memorias da Lili*

Na Republica Argentina. — A Republica Argentina é, sem duvida, uma das florescencias nações do Novo Mundo mais amigas de Portugal.

Nunca perde o menor ensejo de o testemunhar, quer se comemorem os anniversarios da Republica portugueza, quer de outros acontecimentos para nós de grande importancia nacional. A ultima festa em homenagem á nossa Republica foi o que ha de mais brilhante.



A sr.^a D. Maria Bello Gonçalves, que tomou parte na *Chaveira de Chá*

conferencia pelo nosso ministro, coronel Abel Botelho, no Museu das Belas-Artes, homenagem a Portugal na escola Cornelio Saavedra, e Velada literario musical no Ateneu Nacional. Na recita de gala que decorreu com extraordinario brilho, tomaram parte a sr.^a D. Maria B. Gonçalves e as senhoritas Maria L. Vergnolle e Maria Marcau, sendo todas muito aplaudidas. Tambem foi alvo dos



A senhorita Maria Marcau, que acompanhou ao piano a recitação da *Judia*

Houve recita de gala promovida pelo Centro Republicano Portuguez de Buenos-Ayres,



Senhorita Maria Vergnolle, que recitou a *Judia*, de Tomaz Ribeiro

maiores elogios a comissão do Centro Republicano Portuguez a cujos esforços se deve a imponente festa.



A comissão do Centro Republicano Portuguez em Buenos-Ayres

No PAIZ DO SOL.—
No Eden Teat-
ro está em ce-
na uma peça
genuinamente
portugueza,
que o publico
muito justifica-
damente tem
aplaudido com
grande entu-



O sr. Avelino de Sousa, autor da peça

O maestro Tomaz Del-Negro, autor da musica

O ator Carlos Leal, autor da peça

O maestro Luiz Junior, autor da musica

pulares
mae-tros
Luiz Junior e
Tomaz Del-
Negro. O de-
sempenho da
famosa peça
encontrou in-
terpretes co-
mo Carlos



O Peixe e a Carne, numero da revista *O paiz do sol*, interpreta-
do por Margarida Veloso, Jorge Grave e Luiz Bravo

siasmo. Intitula-se *No Paiz do Sol* e são seus au-
tores o distinto poeta sr. Avelino de Sousa e o não
menos distinto ator Carlos Leal, sendo a musica,
muito alegre, original dos conhecidos e po-

Leal, Antonio Gomes, Jorge Grave, Luiz Bravo, Ire-
ne Gomes, Margarida Veloso, Marieta Mariz e Ema
ds Oliv ira, que muito contribuem para o sucesso
que a peça tem obtido.



Grupo de senhoras e mentnas de Queluz e Amadora que tomaram parte no baile *masqué* da *Mi-carême* no salão de festas dos Recreios Desportivos da Amadora

A «*Mi-carême*» na Amadora. — Cor-
reu animadissima a festa da *Mi-carême*
realisada no elegante e vastissimo salão de
festas dos Recreios Desportivos da Amado-
ra. A ela assistiram muitas familias resi-
dentes não só n'aquela formosa estancia
como em Queluz, que se apresentaram em

varios *costumes*, o que muito contribuiu pa-
ra o seu luzimento. E' digna dos maiores
louvores a aieção dos Recreios Desportivos
a quem a localidade deve o seu engran-
decimento e aformoseamento e que nunca
perde ensejo de org'nisar deliciosos passa-
tempo para os seus consocios e familias.



1. O general reformado sr. Manuel Joaquim Gonçalves de Carvalho, falecido em Lisboa, na idade de 71 anos.—2. O sr. Joaquim Lopes Ferreira, proprietário e grande amador tau omáquico, falecido em Lisboa. Era socio do Gremio Luzitano ha quarenta anos.

A sr.^a D. Maria José Ferreira de Medeiros, proprietária, falecida em Runi em 26 de março de 1916.

4. O sr. Libanio da Silva, um dos mais habéis tipografos para os quaes escreveu um manual, proprietário de uma importante tipografia e tradutor de varias peças teatraes, falecido recentemente.—5. O coronel de cavalaria sr. João Maria Lopes, falecido em Lisboa.



6. O sr. José Barbosa, distinto autor dos livros *Cravos e Golvos* e da peça em um ato *Na lama...*

7. O sr. Eugenio Vieira, autor do interessante livro de contos *Flôr da Lama.*

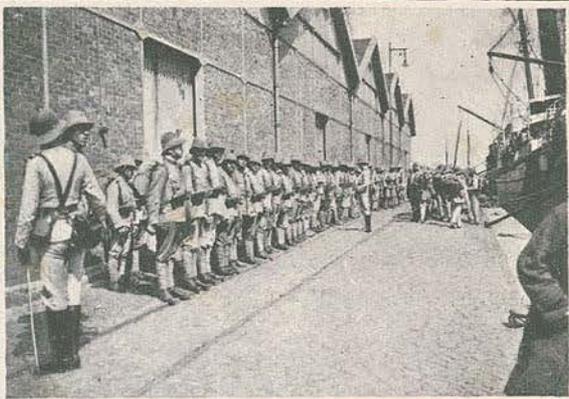
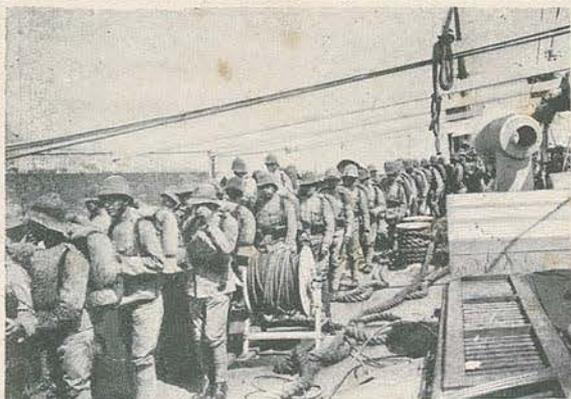
8. sr. João de Freitas, autor da revista *Sapatadas*, representada com grande ex-to em Cascaes.

9. O sr. Adriano Camelo, autor do poema epico *Ambição.*

10. **Casamento.**—Real-souse o da sr.^a D. Inacia Camilla d'Oliveira, da familia Perreira da Fonseca, proprietarios em Leiria, com o sr. Julio Augusto da Cruz, antigo professor do Liceu e illustre official do exercito.



Cena final do 1.^o ato da opera *D. Mécia*, do sr. Oscar da Silva, ul'rimamente cantada no Porto. Da esquerda para a direita, srs. Angelo da Moia Marques, D. Judit L.ima, Alfredo de Mascarenhas e D. Lyz de la Cruz Quezada



A bordo do «Moçambique».—Tropas da Africa Occidental que regressaram a Lisboa

Desembarque no caes das tropas chegadas da Africa Occidental.—(Clíchés Benollet).



João Albino da Silva.—Portugal tambem conta, embora poucos, excelentes prestigitadores, cujos trabalhos não recebem confrontos com muitos dos que aplaudimos, vindos do estrangeiro. No numero d'elles conta-se o sr. João Albino da Silva, cujo nome já está consagrado por varias plattas tanto em Portugal como

no estrangeiro e que se propõe fazer uma *turnée* artistica na proxima epoca pelas nossas praias.



Ato Manuel Rocha.—Manuel Rocha, ator já aplaudido, do Teatro Republica, é um dos novos que tem talento e sabem estudar. Por isso mesmo no principio da sua carreira, encontram logo quem os admire, estime e coadjuve. E' hoje que ele faz a sua festa artistica e já com um papel de responsabilidade. E ha de desempenhar-o com aplauso porque os seus progressos tem sido notaveis.

Francisco Pinto Moreira

A *Ilustração Portuguesa* honra hoje as suas paginas com a fotografia do Ex.^{mo} Sr. Francisco Pinto Moreira, chefe de contabilidade da *Companhia do Gaz e Sociedade Energia Eletrica do Porto*, empresas dotadas d'um modelar serviço de contabilidade por ele organizado e que tem sido objeto da maior discussão no nosso meio contabilista. O sr. Pinto Moreira, mercê da sua invulgar competencia foi nomeado Inspector das *Companhias Reunidas de Gaz e Eletricidade de Lisboa*, onde sob a sua direção está sendo muito apreciada a remodelação de to-



dos os serviços da sua especialidade.

Ao superior espirito de que é dotado, alia o sr. Pinto Moreira todas as qualidades que distinguem um primoroso carater. Por isso, acertadissima foi a escolha feita pela *Companhia do Gaz e Eletricidade*, visto como possue agora quem lhe poderá prestar serviços relevantissimos. Da boa organização dos

serviços de contabilidade depende, em grande parte a prosperidade ou a ruina d'uma empresa. Tendo, pois, aquelas companhias um inspector que alia a um primoroso carater e a facultades de trabalho invulgares, um profundo conhecimento da contabilidade moderna, contam com um elemento valiosissimo, que vae ser um dos grandes factores do seu progresso.

Só uma extrema admiracão por todos estes predica-dos nos levaria a dar á estampa o seu retrato, sabendo, como sabemos, que a sua grande modestia se desgostará imenso com esta divulgaçãõ.

